

O conceito de ação representado por aquilo que Habermas chama “ações comunicativas”, são ações direcionadas para a realização da compreensão mútua entre os indivíduos que interagem a fim de coordenar suas ações baseado em uma interpretação coletiva do contexto social. Do ponto de vista institucional, o que nos permite conceber ações em processos de inovação social como “ações comunicativas” é a sua legitimidade. É a legitimidade que vai dar validade às ações que mudam os sistemas sociais e criam novas e legitimadas práticas sociais. Portanto, a inovação social propõe novas práticas sociais por meio de ações legitimadas e propositais [9].

Neste sentido, compreende-se que a teoria de Habermas recepciona, de forma intuitiva, o conceito de inovação social, na medida em que propõe articulação entre o mundo da vida (operacional e concreto) e o mundo do sistema (simbólico e organizacional), sugerindo que estes mundos interajam em uma racionalidade ética de alteridade como um imperativo categórico do fazer-se humano.

O agir comunicativo é concebido por Habermas de modo a abrir as oportunidades para um entendimento em sentido abrangente e não restritivo [29]. Portanto, além de ser normativo, este agir é também teleológico (orientado para uma finalidade), pois se refere a grupos que orientam suas ações em valores comuns, dos quais se pode incluir também ações de promoção do ser humano traduzidas em inovações sociais.

## A Visão Sistêmica para a Inovação Social

Nas últimas duas décadas o conceito de inovação social apareceu em estudos de gestão de diferentes campos, como empreendedorismo social, movimentos sociais e economia social. Contudo, essa literatura se mantém fragmentada, desconectada e dispersa entre os diversos campos [1,9]. É necessária uma visão holística do fenômeno da inovação social, pois a visão fragmentada dos componentes nos priva de análise empírica da complexidade do fenômeno [9].

Para Capra [30], a vida, ambiente de autoprodução social e complexo, caracteriza-se

pelo desenvolvimento de conexões em forma de redes. Entender o que está envolvido nela obriga-nos a “pensar de forma holística” [10].

A complexidade também é destacada por Cunha e Benneworth [6] que argumentam que a inovação social evolui por um processo não linear que tem uma complexidade inerente, concordando com Bignetti [8] sobre a dependência de interações entre diferentes componentes sociais. Ela pode ainda ser uma das barreiras [31] tanto para a conceitualização da inovação social, como para o próprio sistema ao restringir ou desincentivar as atividades.

Nesse sentido, a visão sistêmica contribui para lidar com a complexidade existente, bem como para reunir e integrar o conhecimento disperso na ciência. Alves [32] afirma que o conhecimento individual é incompleto, dinâmico, aberto e em construção e por isso pode sofrer mudanças (pequenas, grandes, radicais) durante a existência. Assim, a observação de um ser humano resulta em um panorama de mundo que nada mais é do que uma construção mental do mundo real, a qual é indireta, parcial e personalizada. Essa individualidade da visão de mundo decorre da trajetória de vida do próprio indivíduo, por isso nunca existirão duas iguais.

Em relação a construção do conhecimento coletivo, temos que:

a inovação social adquire forma quando uma nova ideia estabelece um diferente caminho de pensamento e ação que muda os paradigmas existentes. [9]

Para Alves [32] um paradigma é construído pelo conjunto de similaridades entre as visões de mundo individuais e, portanto, recebem influência das constantes interações entre os *stakeholders* envolvidos com suas necessidades, expectativas e aspirações [6].

Também não se pode deixar de considerar nesse contexto, o caráter sustentável da inovação social geralmente definida como aquela capaz de satisfazer suas necessidades e aspirações sem reduzir as probabilidades afins para as próximas gerações [33]. Nesse sentido, não há de se falar em uma inovação social sem esta estar vinculada à sustentabilidade.